

Resenha

KRUGMAN, Paul. **The conscience of a liberal**. 2. Ed. New York: W. W. Norton & Co., 2009, 296p.

Marcelo Roque da Silva¹

Neste livro, Paul Krugman, agraciado com o Prêmio Nobel de Economia de 2008, faz uma interessante análise político-econômica de seu país (os Estados Unidos da América), dois assuntos amplamente por ele dominados, uma vez que, além de ser um dos maiores economistas da atualidade também detém uma coluna quase diária no jornal *The New York Times*, onde se dedica a analisar principalmente a política de seu país. Na realidade Krugman possui, a meu ver, uma inteligência rara nos dias atuais, tornando seus escritos sem paralelo. Em *The Conscience of a Liberal*, o autor demonstra ser um dos mais destacados liberais (palavra com a qual os americanos designam as pessoas que possuem ideologia política de esquerda) em atividade, e seus escritos são, ao mesmo tempo, relevantes, interessantes, bem escritos e, por incrível que pareça tendo em vista os temas, sempre bem humorados. Apesar da formação econômica do autor, o livro concentra-se mais na política, e conta com uma imperdível introdução, onde a crise mundial da atualidade é tratada por um de seus maiores especialistas – ele inclusive acaba de publicar um livro inteiro sobre ela. Na primeira metade de *The Conscience*, Krugman apresenta uma interessante revisão de toda a história política americana ocorrida a partir de meados do século XIX. Para o leitor brasileiro há surpresas inimagináveis, como, por exemplo, o fato de que *todas* as eleições presidenciais daquele país foram fraudadas até a década de 1930 (com ecos na eleição de Bush em 2000, como todos lembramos). O autor não esconde suas intenções com a obra, e logo na primeira linha da introdução afirma que (traduções sempre minhas), “O cerne desse livro é a afirmação de que a América está pronta para uma agenda política nova e progressista.” Ele procede argumentando, ao longo do livro, que o Partido Republicano (ou

¹ Professor da Universidade Metodista de SP, Economista e Mestre em Administração
E-mail: Marcelo_992@hotmail.com

GOP), de direita, perdeu muita de sua credibilidade nos campos de defesa da nação (com a guerra do Iraque), da economia (com a crise mundial), com a população mais pobre e a classe média (com a concentração de renda) e com os americanos brancos (pois, segundo ele, os EUA estão ficando menos racistas, o que reduz os apelos dos republicanos a esse eleitorado). Sendo assim, ele prevê um “novo *New Deal*”, liderado pelo Partido Democrata, do qual ele faz parte, e que irá distribuir a renda nos EUA e aumentar a proteção aos pobres, ao mesmo tempo em que reduz a imensa riqueza dos americanos extremamente ricos. Para ele, “o domínio eleitoral do GOP de 1980 a 2004 pode ser explicado quase totalmente apenas em seis palavras: brancos do sul começaram a votar republicano”, e isso se deu devido aos apelos desse partido às tendências racista dos sul de seu país. Krugman acredita que o racismo é a chave para explicar e compreender a política americana dos últimos oitenta anos. A história dos EUA é dividida pelo autor em três fases: Era Dourada, até 1930; Grande Compressão, 1930 a 1970; e Grande Divergência, de 1970 à atualidade. A América da primeira fase era “uma terra de vasta desigualdade de riqueza e poder, na qual um partido nominalmente democrático falhava em representar os interesses econômicos da maioria”. Esse partido é o GOP, que ganhava quase todas as eleições no período. É nessa fase que as fraudes eleitorais a que me referi no início ocorriam. A fase da Grande Compressão caracterizou-se por uma grande e rápida distribuição de renda, liderada por Franklin D. Roosevelt. Ao seu cabo, “os ricos não possuíam mais nada parecido com o poder de compra que tinham até 1929, e os trabalhadores comuns tinham muito mais poder de compra do que jamais haviam tido anteriormente (...) Por volta dos anos 1950, muito poucos americanos eram capazes de sustentar um estilo de vida que os incluísse em um mundo material diferente do ocupado pela classe média.” Os sindicatos eram muito fortes e contribuíram sobremaneira para a distribuição da renda ocorrida, e sua ação foi apoiada pelo governo Democrata de FDR. Na fase final, a Grande Divergência, o autor mostra como o GOP logrou dinamitar a situação anterior, fazendo o país retornar a uma fase parecida com a da Era Dourada, onde a desigualdade é significativa, e apenas os ricos e os extremamente ricos prosperam, pois “os trabalhadores americanos comuns não tiveram condições de se apropriar dos ganhos relativos ao crescimento da produtividade devido ao aumento crescente da desigualdade.” Ao longo da narrativa, Krugman procede demonstrando suas opiniões com argumentos irrefutáveis, numéricos ou não, e analisando em detalhes tudo o que teria interferido nas

mudanças citadas, como a tomada do GOP por um movimento radical; as agitações dos anos 1960, que conduziram os Republicanos ao domínio político; idéias sobre como reduzir a desigualdade em seu país e até uma detalhada proposta de reforma do sistema de saúde americano, que para ele seria a chave para o futuro domínio Democrata nos EUA. O livro termina com um tom otimista, porque Krugman acredita em uma mudança para ele positiva na política americana: com a eleição de Barak Obama, seu partido, o Democrata, teria chegado ao poder para ficar, e para iniciar um novo *New Deal*, ou seja, uma nova era de distribuição de renda, muito parecida com a da Grande Compressão. Nas finais eu deveria expressar críticas sobre a obra, e a única na qual eu seria honesto em fazer relacionar-se-ia ao fato de Krugman, sendo um economista e não um cientista político, ter talvez se equivocado um pouco nessa área, e eu vejo as suas admoestações referentes à implementação da Seguridade Social total a qualquer custo nos EUA como a única delas, porém uma significativamente importante. Ao cabo do livro ele prega tal alteração legislativa – muito sensível no país, a propósito – de forma um pouco exagerada, inclusive afirmando, sem provar, que a reforma do sistema de saúde é a chave para o novo *New Deal* desejado; outros Democratas poderão pensar de forma diferente nesse assunto, mas, mesmo assim, ele ao final pode ter tido razão.